

RAMOS, Alcides Freire; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosangela (Orgs.). *A história invade a cena*. São Paulo: Hucitec, 2008.

Renan Fernandes¹

Foi lançado pela Editora Hucitec o primeiro volume da série *A História invade a Cena*², com organização de Alcides Freire Ramos, Fernando Peixoto e Rosangela Patriota. Fruto do trabalho contínuo ao longo de 15 anos de Rosangela Patriota e Alcides Freire Ramos à frente do NEHAC (Núcleo de Estudos em História Social, da Arte e da Cultura), na Universidade Federal de Uberlândia-UFU, o livro vem preencher a lacuna do interesse pelo teatro e suas discussões. Interesse por muito tempo abraçado apenas por uma minoria de críticos especializados.

A intenção é inserir dentro do debate historiográfico as relações entre Arte e Sociedade, a partir das produções teatrais e cinematográficas. Longe de instaurar efetivamente uma escrita que privilegiasse apenas a monolítica e linear “história do teatro”, o livro agora apresentado ao público demonstra a pertinente abordagem do fazer teatral como objeto de reflexão do social nas suas multifacetadas perspectivas, iniciativa sob a qual o estético e as linguagens artísticas se inserem como *locus* privilegiado da pesquisa em História.

Com efeito, ao longo desses anos de labor várias contribuições importantes vieram somar ao trabalho de pessoas que se interessaram no debate e proporcionaram a elaborada e concisa visão do teatro no panorama nacional. Junto aos textos de Fernando Peixoto – parceria que nasce do projeto de pesquisa financiado pelo CNPQ, no qual o próprio autor é objeto fundamental de análise – as perspectivas de Pedro Spinola Pereira Caldas, professor integrante do NEHAC, e Sandra Jatáhy Pesavento contribuem decisivamente na concepção da proposta que abarca os questionamentos inerentes ao tema tão amplo quanto instigante da história do Brasil.

Ainda permeados por essa perspectiva, salta aos olhos os trabalhos da nova safra de pesquisadores que, embebidos pelos embates travados nesse campo de pesquisa, demonstram a projeção do esforço e dedicação

1 Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

2 RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosangela (orgs.). *A história invade a cena*. São Paulo: Hucitec, 2008.

das intenções destes profissionais, e que Rosangela Patriota resume na introdução do livro como o volume “constituído de textos de pessoas que *Amam o Teatro*, sejam como espectadores, sejam como leitores, seja profissionalmente”.

Esses pesquisadores, em sua maioria oriundos do NEHAC, defendem a perspectiva de análise sob a qual o texto teatral, bem como suas encenações, é o ponto de partida para uma abordagem das plurais relações sociais, das quais estes objetos são frutos enquanto representações artísticas de determinados grupos ou mesmo parcelas da sociedade, ou seja, a forma pela qual essas pessoas se enxergam e entendem o mundo através de manifestações artísticas.

Há, pois, o movimento de reflexão e propostas teórico-metodológicas no livro, e as interpretações do objeto por excelência dos pesquisadores, a se revelarem como portadores da amplitude de significados que ultrapassam a idéia do teatro como apenas o exercício de interpretação do texto para determinado público (tão eclético quanto o próprio teatro).

Nesse sentido, é pertinente a republicação dos ensaios de Fernando Peixoto “Por uma Cultura Crítica e Democrática” (escrito em 1980) e “Teatro ao Encontro do Povo” (de 1987). No primeiro, escrito ainda no momento da história sob qual a sociedade brasileira ainda se via sob a cortina do período ditatorial, este importante pensador e homem de teatro já reivindicava uma abordagem do teatro que não se resumisse por apenas se debruçar sobre as categorias mais elementares de abordagem das produções artísticas:

é fundamental desenvolver pesquisas inclusive ao nível da linguagem e da estrutura formal, pois essas experiências são decisivas “não para transmitir conteúdos esquematizados e abstratos e sim para transmitir e lutar pelo alargamento de nossa capacidade de perceber em todos os níveis a realidade subdesenvolvida deste país [...]”³

E é esse viés interpretativo que Rosangela Patriota desenvolve em “O teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica”. A partir da minuciosa análise da história calcada pela insígnia

3 PEIXOTO, Fernando. Por uma Cultura Crítica e Democrática. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosangela (orgs.). *Op. cit.* p. 15.

da abordagem cultural, e posteriormente sobre a cena teatral nacional, a autora faz emergir a questão central para o estudo das relações entre o teatro e a sociedade: é necessário contemplar o papel que as produções artísticas ocupam dentro da história de determinada sociedade, não mais as enxergando como apenas mais um componente dentre tantos outros de determinada cultura, mas sim como carregados de historicidade e especificidades que exigem a atenta reflexão acerca de sua construção, distanciando-se de postulados que a encarava sobre generalizações ou discursos tautológicos. A metodologia, assim como os referenciais para o suporte da pesquisa que envolva tais preocupações, obedece a critérios próprios, e que são inerentes ao trabalho do historiador atento às novas preocupações que o ramo de sua atuação lhe cobra:

Caberá ao pesquisador, nessas circunstâncias, ser capaz de reconhecer, por exemplo, no texto teatral, a linguagem artística usada para sua confecção. Todavia, mesmo sendo imprescindível, esse instrumental não é suficiente porque, para além do reconhecimento, é de suma importância que o interprete compreenda historicamente a criação do código utilizado, bem como as implicações sociais, políticas e culturais contidas nele. Para tanto, deverá o historiador estar apto a articular o debate estético à sua perspectiva histórica, a fim de que as mediações sejam construídas e o trabalho interdisciplinar realizado⁴.

Portanto, o teatro encarado como instância e formalização artística de necessidades e anseios da sociedade exprime-se pelo seu caráter reflexivo e particular de suas produções. A efetivação de um texto resguarda em si uma série de componentes que dizem respeito ao seu momento de criação – tanto do texto como da encenação – e fornecem os subsídios necessários para a interconexão entre a sociedade e as relações culturais que dela emana.

Por esse caminho, trilharam Rodrigo de Freitas Costa, Maria Abadia Cardoso, Christian Alves Martins, Dolores Puga Alves de Souza, Syrlei Cristina de Oliveira, Silvana Assis de Freitas Pitillo, Kátia Eliane Barbosa e Nádía Cristina Ribeiro, pesquisadores e pesquisadoras que desenvolveram

⁴ PATRIOTA, Rosangela. O teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosangela (orgs.). *Op. cit.* p. 42.

trabalhos no NEHAC e que apresentam suas reflexões nesta coletânea.

Em “Brecht historiador: a elaboração de conhecimentos pelo autor de *Tambores na Noite*”, Rodrigo de Freitas Costa analisa este texto teatral de Bertold Brecht, escrito em 1919. Ao entendê-lo como uma produção que carrega as discussões sociais do tempo no qual foi produzido, reflete acerca das possibilidades do texto teatral ser compreendido como fonte de interpretação de determinado tempo, ou seja, exprime a possibilidade das obras artísticas servirem como fonte de pesquisa para o historiador, pois as mesmas são carregadas de historicidade advindas do seu tempo de produção.

Assim, ao enxergar Brecht como historiador, o autor do texto demonstra como o dramaturgo fala de seu tempo e, para além disso, fala também para o seu tempo através do teatro. Isso permite compreender a complexidade dos textos de Brecht, e as formas pelas quais o diálogo esboçado é capaz de trazer à tona discussões que são inerentes à suas peças.

Dessa forma, tratar do Brecht historiador significa pensar como esse dramaturgo construiu uma específica interpretação sobre o momento por ele vivido. Em outros termos, podemos dizer que, quando a história invade a cena, ela não se insere em um ambiente completamente estranho ao seu. Ela simplesmente é capaz de se ver em um tênue e complexo espaço que vai além da pura e simples “verdade” ou até mesmo da “verificabilidade”. A história invade a cena não porque História e Teatro estejam separados em campos opostos e excludentes, mas sim como uma espécie de reconhecimento de que a História é mais complexa que o par aparentemente excludente entre História e Ficção e que, por sua vez, o Teatro é capaz de responder a questões sociais de maneira clara e essencial⁵.

Sob esta perspectiva, *Tambores na Noite* dialoga com os duros anos da primeira guerra mundial e, ao colocar o soldado Kragler em seu embate entre ir à luta ou desistir da mesma, Brecht imprime ao texto suas impressões sobre a Revolta Spartaquista, que serve como pano de fundo para a peça. Dessa forma, podemos enxergar os traços de historicidade contidos no texto, bem como as impressões deste episódio pelo próprio autor, que

5 COSTA, Rodrigo de Freitas. Brecht historiador: a elaboração de conhecimentos pelo autor de *Tambores na Noite*. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela (orgs.). *Op. cit.*, p. 100.

elabora a reflexão crítica sobre o período. Assim como o faz o historiador, demonstrando espaços de trânsito para que seja discutido pelo pesquisador interessado em “invadir a cena” trabalhar com temas tão constantes em História, como por exemplo, os conceitos de representação⁶, e até mesmo a noção de ficção⁷, da qual a história está sempre permeada.

No texto de Christian e Maria Abadia – Entre a ficção e a história: reflexões acerca de *Calabar e Mortos sem sepultura* – observamos que há, em um primeiro momento uma questão que nos salta aos olhos: diferente de Brecht, que busca em seu tempo a temática de seu texto como forma de reflexão, Chico Buarque e Ruy Guerra retornam a um fato histórico ocorrido em outro período para falar do seu próprio tempo: Ao recorrer à história de Domingos Fernandes Calabar, soldado português que abandona as tropas de seu país para lutar ao lado dos batavos nas Invasões Holandesas no Nordeste, no Brasil do séc. VXII, Chico e Ruy Guerra elaboram uma visão singular sobre o Brasil dos anos de 1970, tempos marcados pela forte imposição ditatorial no país. *Calabar – O Elogio da Traição* busca, portanto, através do fato histórico ocorrido em outro tempo, na década de 1970, através de uma alegoria artística, refletir sobre os duros momentos de repressão pelo qual passava o Brasil.

Já Maria Abadia percorre outro caminho, não menos importante: ao analisar *Mortos Sem Sepultura*, texto de Jean Paul Sartre, escrito na década de 1940, e encenado em 1977 no Brasil por Fernando Peixoto, nos são apresentadas as discussões para que se deve atentar o historiador ao invadir a cena teatral: como trabalhar com distintas temporalidades, a saber: a do momento de criação da peça, o de sua adaptação e do tempo do qual fala o historiador ao refletir sobre o passado, e especificamente sobre as produções teatrais?

Existe, pois, a necessidade de se trabalhar com métodos específicos de análise, cabendo ao historiador a delimitação, uma vez que seu trabalho exprime-se pela análise do particular, das especificidades contidas nos seus objetos de estudo – e que são vestígios de um dado passado – que

6 Com relação ao conceito de representação e seus significados dentro do panorama histórico, vale ressaltar o trabalho de Roger Chartier: *A história cultural entre práticas e representações*. (Lisboa: Difel, 1998).

7 Referente ao debate sobre história e ficção, consultar: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994, e VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revolucionou a história*. Brasília: Editora da UNB, 1982.

lhe fornece pistas sobre o olhar que este lança sobre a história.

Como visto anteriormente, existe a possibilidade do dramaturgo assimilar o seu tempo e transformá-lo em história, por meio da representação, como também é plausível a apropriação de fatos anteriores como modelo para reflexões em tempos distintos, mas, ao mesmo tempo, falando do momento no qual ele é resignificado. Estas duas primeiras temporalidades teriam, portanto, que se alinharem à do pesquisador, inserido em um lugar social, o qual também interfere diretamente na sua forma de abordagem sobre determinada pesquisa. E é este movimento de articulação entre três temporalidades distintas que o texto de Maria Abadia percorre, (a partir do texto teatral *Mortos Sem Sepultura*) para apresentar aos interessados pelo teatro relevantes observações que estão intrinsecamente ligadas ao estudo e pesquisa das relações que são travadas pelo pesquisador na busca de pertinências que validem o seu ofício, principalmente no que tange às formas de que se utiliza para construir a inteligibilidade de seu texto.

“A obsessão da pureza: um ensaio sobre a arte e moralidade em Nelson Rodrigues”, de Pedro Caldas, destaca-se pela verve de interpretação hermenêutica da qual se utiliza para abordar uma temática específica do trabalho de Nelson Rodrigues. Com acuidade, o autor explora as características encontradas nos textos do jornalista, dramaturgo, cronista e ensaísta que foi Nelson Rodrigues, demonstrando o caráter dualista presente nos enredos de suas peças: a necessidade de purificação, ao mesmo tempo em que esta se apresenta ao público de forma atroz, catártica e, por mais que aos olhos desavisados pareça subversiva, é rechaçada por ditames moralistas e conservadores.

Desconstruindo cristalizações sobre a genialidade incontestável de Nelson Rodrigues, Pedro Caldas estabelece discussões acerca do sentido e significado existente no interior das crônicas e peças rodrigueanas, a obsessão pelo aviltamento dos valores que se constitui pela tentativa de redimir e satisfazer o público de suas vontades veladas, salientadas pelo próprio dramaturgo:

a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. A partir do momento em que Anna Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. [...] E no teatro, que

é ainda mais plástico, direto e de um impacto tão mais puro, esse fenômeno de transferência torna-se ainda mais válido. Para salvar a platéia, é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los⁸.

Evidencia-se, portanto, a aceção da possibilidade e necessidade da construção de um saber referente às obras artísticas que perpassa por um conhecimento que não descarte a diversidade da obra do próprio autor, o que exige do olhar atento do historiador a capacidade de interpretar e estabelecer os códigos pelos quais é constituído seu objeto de análise, que seja ele uma peça de teatro, quer seja uma crônica. É, sobretudo, reconhecer o emaranhado de construções simbólicas em que está inserida a arte dentro da sociedade, e do qual a materialização nos palcos, ou menos nas folhas impressas de um livro, se tornam porta-vozes de visões multifacetadas do lugar onde estão inseridas.

Correndo o risco de simplificação, por privilegiar apenas alguns textos contidos em *A História Invade a Cena*, vale destacar a importância da obra, assim como a dos autores presentes no primeiro volume: é cada vez maior e mais consistente o trabalho que relacione as perspectivas históricas e os seus desdobramentos no estudo concernente ao teatro. Isso se deve menos ao fato de um súbito interesse ao tema do que pela necessidade que os pesquisadores encontraram em estabelecer vínculos solidificados com os diversos campos do saber, devolvendo ao Teatro a historicidade que lhe é inerente, além de promover discussões acerca de pressupostos teóricos metodológicos, muitas vezes esquecidos atualmente. Sem dúvida, é um livro de leitura obrigatória não só pelos interessados na pesquisa acerca dos objetos evidenciados, mas também por aqueles que, como bem salientou Rosângela Patriota, *Amam o Teatro*, em todas as suas dimensões.

8 RODRIGUES, Nelson. O teatro dos loucos. Apud: CALDAS, Pedro. A obsessão da pureza: um ensaio sobre arte e moralidade em Nelson Rodrigues. In: RAMOS, Alcides; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela (orgs.). *Op. cit.*, p. 281.